



O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



Tantas almas se perdem e se condenam. Não haverá quem trabalhe na salvação das almas?

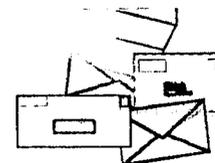
Em qualquer estado de vida podemos nos dedicar na obra de salvação.

Deus quer se servir do homem para salvar o homem. Faça parte dos que estão com Nosso Senhor nessa luta, a mais sublime e meritória das lutas.

Lute e trabalhe para que seu filho, seu pai, seu colega, seu paroquiano salve sua alma.



Escrevem os Leitores



"É com imensa alegria que escrevo-lhe estas humildes linhas com o desejo de encontrar-lhe gozando de muita paz e alegria interior e sobretudo com muito ânimo para colaborar com a extensão do Reino de Deus.

Por fim deixo-lhe as minhas saudações, e fiquemos unidos pela oração".

MARCOS EDUARDO RODRIGUES
PETRÓPOLIS - RJ

"Gostaria de receber o periódico "O Desbravador", o qual achei muito interessante. Li o exemplar setembro outubro - 2001 e penso que há muitas informações úteis para todos".

CARLOS ROBERTO PEGORETTI JÚNIOR
MAUÁ - SP

"Agradecendo a constante remessa de exemplares de "O Desbravador", envio-lhes com esta um cheque no valor de (...) como contribuição para a continuidade dessa utilíssima publicação. Lamento não poder enviar quantia maior. Sem mais, agradecendo a atenção dispensada, subscrevo-me".

LAERCIO EULER BANZATO
SÃO PAULO - SP

"Em primeiro lugar, gostaria de parabenizá-los pelo jornal "O desbravador", pois tive a oportunidade de ler algumas edições em casa de uma amiga e achei interessantíssimo. Eu e mais duas pessoas gostaríamos de receber exemplares em nossa residência, se possível. Desde já agradecemos muito".

ADRIANA KARLA
NITERÓI - RJ

"Gostaria de receber o Jornal o desbravador, pois é um ótimo...!"

ROBERTO CAETANO
SÃO PAULO - SP

"Sou católico e gostaria de saber como faço para receber o periódico O Desbravador.

Conheço dois outros lares que igualmente gostariam de recebê-lo.

Desde já, prontifico-me a arcar com os eventuais custos. Agradeço aos senhores a atenção dispensada".

ALVARO AUGUSTO CAMILO MARIANO
SÃO PAULO - SP



O DESBRAVADOR

PERIÓDICO BIMESTRAL DO GRÊMIO SANTA MARIA

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
MARIA PAULA BRANCO DE MATTOS

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATTOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail - odesbravador@uol.com.br

Editorial

A missão mais sublime que alguém pode realizar é cooperar na salvação das almas.

Sim, se Nosso Senhor Jesus Cristo se fez homem, sofreu e morreu na Cruz por nós, que coisa maior e mais sublime pode haver do que cooperar com Ele em sua obra de Redenção.

Mas, alguém poderá dizer que não é padre, para salvar almas e nós respondemos que a salvação das almas é obra para todos.

É obra para o missionário que de Cruz na mão brada explicitamente "salva tua alma". É obra dos pais que tem que encaminhar seus filhos para o céu. É obra do professor que pelo exemplo e palavras pode colocar seus alunos na senda da salvação.

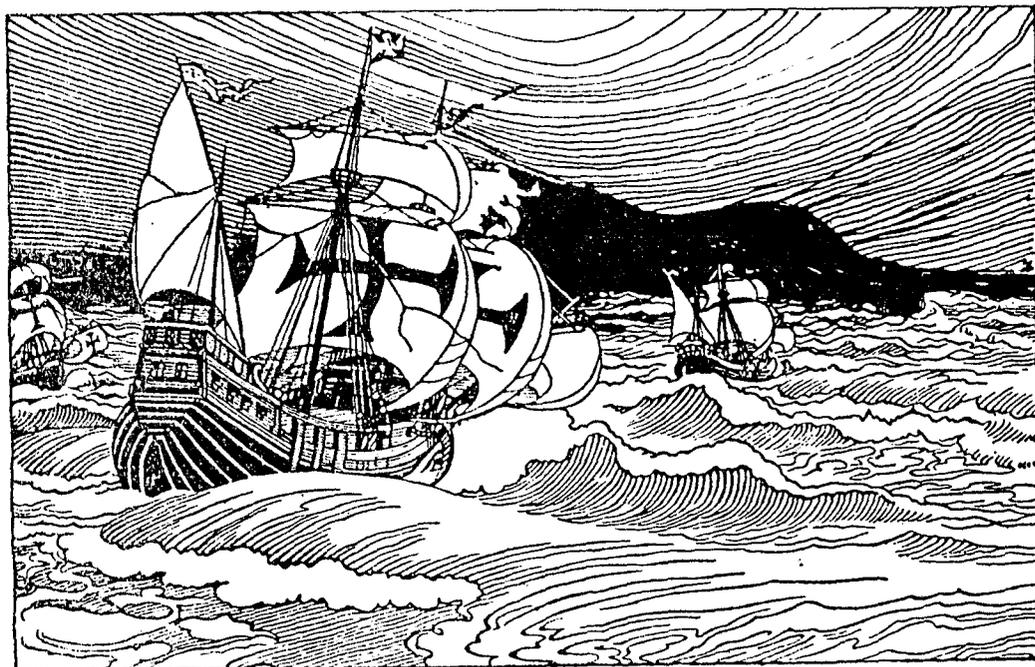
Sim, sempre há algum bem a fazer às almas. Uma oração a ensinar, uma medalha milagrosa a presentear, um conselho à confissão sempre podem ser feitos.

Chamar um padre para visitar um enfermo grave e lhe ministrar os Sacramentos, por exemplo, é um bem incomensurável.

E, dirá outro, se eu não tiver diante de mim oportunidade de realizar ações? Você sempre terá seu terço para rezar pelos pecadores, sempre terá sacrifícios a fazer por eles.

Santa Teresinha do Menino Jesus converteu inúmeras almas sem sair do Carmelo de Lisieux e por estas conversões, por seu zelo, a Santa Igreja Católica a apresenta como padroeira das missões.

Portanto, vamos começar em nossos círculos, no nosso trabalho, em nossa casa, em nosso bairro, a trabalhar pela salvação das almas, façamos mesmo uma cruzada nesse sentido e comecemos pela nossa alma, mudando-a para melhor e depois... bem, depois há um mundo a conquistar para Nosso Senhor e com auxílio de Nossa Senhora isso se realizará.



TEMPURÁ DE CAMARÃO

Há coisa de uns vinte anos atrás, numa banca de comidas japonesas, eu conheci e provei o delicioso bolinho frito de legumes e camarões, chamado tempurá de camarão.

Apreciei muito, mas, achei estranho uma fritura na culinária japonesa. Como seria isso?

Recentemente, li em um jornal cotidiano, numa sessão de culinária a história do delicioso bolinho. Com a foto de São Francisco Xavier ao alto, o artigo trazia o histórico e a receita do Tempurá de Camarão.

Em resumo, dizia o artigo que, quando São Francisco Xavier missionou o Japão, com um número enorme de conversões, os japoneses convertidos passaram a praticar seriamente a nossa Religião. E essa seriedade incluía a observância dos vários dias de jejum e abstinência de carne que então eram previstos, entre os quais as temporas do Advento e as temporas da Quaresma.

Para auxiliar os japoneses, nessa observância, os que acompanhavam São Francisco Xavier, certamente a instâncias do santo, ensinaram aos católicos japoneses a fazer frituras e o nosso bolinho que em função das temporas, foi denominado de tempurá de camarão, prato que até hoje é apreciado e difundido mundo afora.

Quando contamos esses fatos a amigos, eles disseram que algo semelhante ocorrera no Brasil, aonde os jesuítas ensinaram à nossa população primitiva nada mais, nada menos que o... feijão com arroz.

Nosso periódico não é uma publicação culinária, nem de história da alimentação, então porque narramos tudo isso? É simples para mostrar a ação civilizadora da Santa Igreja Católica.

A missão da Igreja é evangelizadora, mas dizia o papa Pio XII, que à medida que evangeliza a Igreja civiliza e civilizou com moral, com dignidade.

Assim, vemos que as escolas tais quais as conhecemos não existiam na antiguidade, foi a Igreja que as criou. A mesma coisa com os hospitais, asilos, orfanatos, santas casas.

No Brasil, o Padre Anchieta criou o Teatro brasileiro, fez a Gramática Tupi, começou nossa poesia e literatura.

Em suma, não há na história maior ação benévola e civilizadora do que a da Igreja Católica. E entre tantos benefícios podemos nos alegrar de saborear um tempurá de camarão.

COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para dar um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRDESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

NOSSA SENHORA DO PILAR



Fiéis aos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, os Apóstolos saíram pelo mundo para pregar a Boa Nova da Salvação.

São Pedro e São Paulo pregaram em vários pontos do Império Romano e, por fim, fixaram-se em Roma, aonde sofreram o martírio. São Tomé pregou na Índia e, dizem que chegou, até a América. São Judas Tadeu pregou na Pérsia, local em que também foi martirizado.

O apóstolo São Tiago, irmão de São João, foi pregar na Espanha. Ali, apesar de seus esforços e fadigas, o seu apostolado não rendia os frutos esperados. Apenas uns poucos seguidores, ele conseguira para Nosso Senhor, na verdade apenas oito.

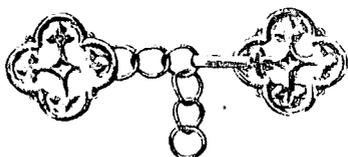
Diante disso, ele se viu tentado ao desânimo, mas não quis de modo nenhum ceder a essa tentação. Recorreu então à intercessão de Nossa Senhora, que então ainda vivia aqui na Terra.

Ela então lhe apareceu entre dois coros de Anjos sobre um pilar de pedra e acabando de cantar, a mesma Virgem Maria chamou mui docemente o Santo Apóstolo e disse:

“Eis aqui o lugar, meu filho, o lugar assinalado para minha honra, e no qual, por teu trabalho, será edificada uma igreja em minha memória. Olha para este Pilar aonde estou sentada, porque Meu Filho e Mestre o enviou do Céu por meio dos anjos, e em torno do qual assentarás o altar da capela, em qual lugar por meus rogos e reverência, obrará assinaladas maravilhas o poder do Altíssimo, e este Pilar estará neste lugar até o fim do mundo.”

Então o Apóstolo São Tiago alegrou-se muito, dando graças a Nosso Senhor Jesus Cristo e a Sua Bendita Mãe por tanta mercê, e logo subitamente, aquela Legião de Anjos, tomou a Virgem e a levaram de volta a Jerusalém. E o Bem Aventurado São Tiago, muito alegre por tal visão e consolo, começou a edificar ali a igreja, ajudando-o seus discípulos, e teve a dita capela dezesseis pés de largura por oito de extensão, na qual está o Pilar, na parte alta, com o altar.

Para o serviço dessa igreja, o Bem Aventurado São Tiago ordenou um de seus convertidos, e consagrada a igreja, deixando os discípulos e cristãos em paz, voltou a Jerusalém.



Esta é a primeira igreja do mundo dedicada por mãos apostólicas em honra de Nossa Senhora. Esta é a Câmara Angelical fabricada nos princípios da Igreja Cristã. Esta é a sala sacratíssima muitas vezes visitada pela Virgem, Nossa Senhora, na qual se concedem muitos benefícios a seus devotos e se operam insignes milagres por Nosso Senhor Jesus Cristo.



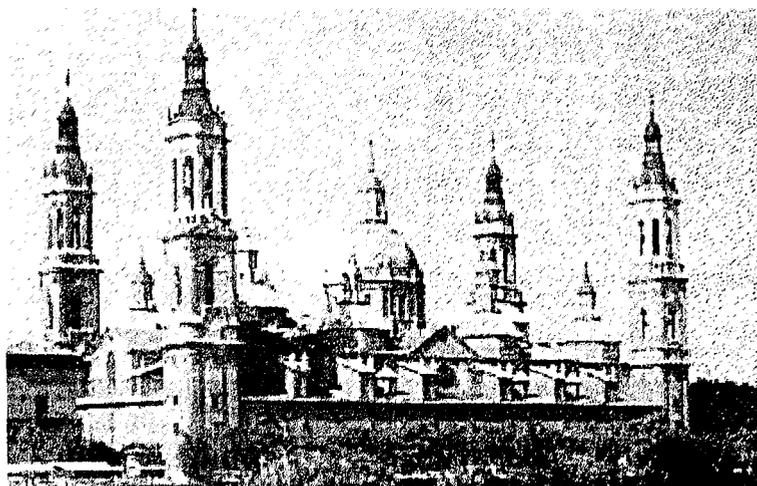
Do mencionado Pilar quando foi examinado foi dito que seu material não é deste mundo.

Em torno da Virgem do Pilar se fez a história da Espanha Católica, da Santa Espanha.

Na Guerra Civil Espanhola umas bombas, lançadas pelos anti-católicos, contra o Pilar não detonaram.



Infelizmente hoje a nação espanhola não vive, no seu todo, para honrar suas origens católicas, mas rezamos e esperamos que a Virgem do Pilar a leve de volta a sua esteira Católica, para sua vocação tão abençoada pela Virgem.



Basilica de Nossa Senhora do Pilar em Saragossa

Um Sacerdote Exemplar

As coisas dentro da igreja haviam mudado, e mudado para pior, nos velhos tempos das perseguições ao cristianismo ordenadas pelos primeiros imperadores, praticamente todo cristão preso era ipso facto um mártir. E apesar dos martírios a igreja crescera cada vez mais: "o sangue dos mártires era semente de cristãos".



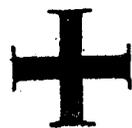
Agora, no ano 250, as coisas estavam diferentes. Décio, o novo imperador, preocupado em restaurar em todo o Império o antigo e já desprestigiado culto pagão, havia baixado um edito ordenando que todos absolutamente todos os seus súditos sacrificassem aos ídolos romanos, diante de testemunhas, e recebendo um certificado oficial de sua idolatria. Os que se renegassem sob qualquer pretexto seriam condenados à morte.



E infelizmente, muitos cristãos temerosos de perderem a vida e ansiosos pelo infame certificado, estavam se acomodando. Havia todas as formas de covardia, desde a mais sutil que era de comprar dos juizes um certificado falso, até as mais escandalosas, como correr espontaneamente aos templos mesmo sem ser chamado e lá sacrificar aos ídolos, ou incitar seus parentes ou amigos a que fizessem o mesmo, ou até mesmo depor seus filhos batizados sobre os altares dos

deuses. E – suprema tristeza! – até mesmo sacerdotes e bispos haviam apostatado...

Tristes, bem tristes tempos!... Era nisso que pensava Piônio, sacerdote cristão em Esmirna, grande porto da Ásia. Que fazer? Como evitar que seus fiéis, suas ovelhas, também apostatassem? Dar-lhes o exemplo de seu próprio martírio? Certamente, mas talvez ainda fosse preciso um pouco mais.



Os romanos chegaram a Esmirna, e naturalmente Piônio foi dos primeiros detidos. Juntamente com um de seus colegas sacerdotes e um grupo de fiéis, foram levados para o interrogatório. Piônio começa então sua última missão sacerdotal. Para provar aos curiosos que o viram passar escoltado por soldados, que nem ele nem os seus companheiros estão sendo conduzidos a algum templo pagão para o sacrifício da apostasia, passa a corda em torno do pescoço e faz o mesmo com seus irmãos.



Quando chega à presença do comandante do templo, encarregado de investigar as opiniões religiosas dos suspeitos parece na verdade que é ele, Piônio, o investigador. Toma logo a palavra e dirige-se à multidão. Aos que o insultam, responde com altivez e energia; mostra a

todos a iniquidade das medidas que golpeiam o cristianismo e profetiza-lhes os próximos castigos. Mostra-se tão firme e tão tocante que a multidão exclama: "Piônio, tu és um homem corajoso! És honesto e bom! És digno de viver! Sacrifica!" E o herói responde com estas simples palavras de grande fé: "Sim, eu sei que a vida é doce, mas nós sonhamos com a verdadeira luz!" Simples na sua intrepidez, nada o pode desviar.



Como o pagão que o interroga se mostra hesitante, Piônio encerra a questão: "A ordem que tens é de convencer ou de castigar. Nunca poderás me convencer; portanto, castiga!" E é ele mesmo que, durante os dias de prisão que antecedem o suplício, escolhe a mais infecta das masmorras porque ali ao menos poderá orar à vontade; é ele mesmo que, por fim, se

coloca sobre o cavalete da prisão onde as garras de ferro lhe dilaceram a carne. Nada há que o faça mudar, nem mesmo a mensagem que lhe faz chegar o bispo — demasiado fraco ou demasiado "hábil" — aconselhando-o a imitar a muitos e sacrificar aos ídolos. E quando, condenado a ser queimado vivo, é levado ao meio do estádio, é ainda ele mesmo que se encosta ao poste, indica aos verdugos que o achem e no momento em que as chamas o vão envolver, pronuncia estas últimas palavras com toda a alma: "Tenho pressa de morrer para acordar mais cedo na ressurreição".

Tristes tempos! Tristes tempos em que não há mais sacerdotes assim!





Charles de Foucauld

“Eu já não tenho mais dúvidas”

Charles de Foucauld era um jovem rico. Nascido e criado na França possuía temperamento inquieto.

Em sua inquietude, ao chegar à mocidade resolveu alistar-se na Legião Estrangeira.

A Legião Estrangeira era uma tropa criada pela França para atuar por esse país e que aceitava em seus quadros pessoas de qualquer nacionalidade e com qualquer passado. Bandidos, ladrões, desertores, terroristas eram nela aceitos, sem restrições. Nela entravam e mudavam de nome, tendo de ficar ali por pelo menos 5 anos, sob pena de fuzilamento.

Nesse ambiente sórdido e podre, Charles de Foucauld era especialmente ruim a ponto de ser chamado de “o porco”. A Legião não o consertou e após os seus 5 anos, Charles voltou para o castelo da família cheio de suas inquietações.

Na época de sua volta, houve um grande baile no castelo, mas, ele não tinha vontade de dançar, pois sua perturbação não permitia. Então durante a dança, retirou-se para a biblioteca e ao léu puxou

um livro da estante. Caiu-lhe nas mãos uma vida dos santos.

Começou a ler e não parou. Tal leitura, ao invés de acalmá-lo, mais aumentou sua perturbação. Sua mente se viu invadida de dúvidas e questionamentos. Não dormiu naquela noite, antes varou a madrugada em leitura e interrogações.

Ao chegar às 5 horas da manhã, com as ruas escuras, ele se dirige à igreja do bairro para trocar idéias com um padre, que lhe acalmasse a consciência.

Ele que há anos estava afastado da Religião, naquela manhã entrou na igreja apenas para se acalmar.

Entrando, vislumbrou um padre sentado no confessionário à espera do primeiro pecador que fosse buscar o perdão Divino.

O primeiro a se ajoelhar diante dele foi Charles de Foucauld. Este se aproximou e foi dizendo que não queria se confessar, mas apenas tirar umas dúvidas. O padre retrucou: “confesse-se meu filho!”. Charles replicou: “Eu não quero me



Charles de Foucauld

confessar, só quero tirar dúvidas". E assim, por várias vezes ambos insistiram em suas posições. Felizmente, o padre venceu e Charles fez então uma ótima confissão que durou horas.

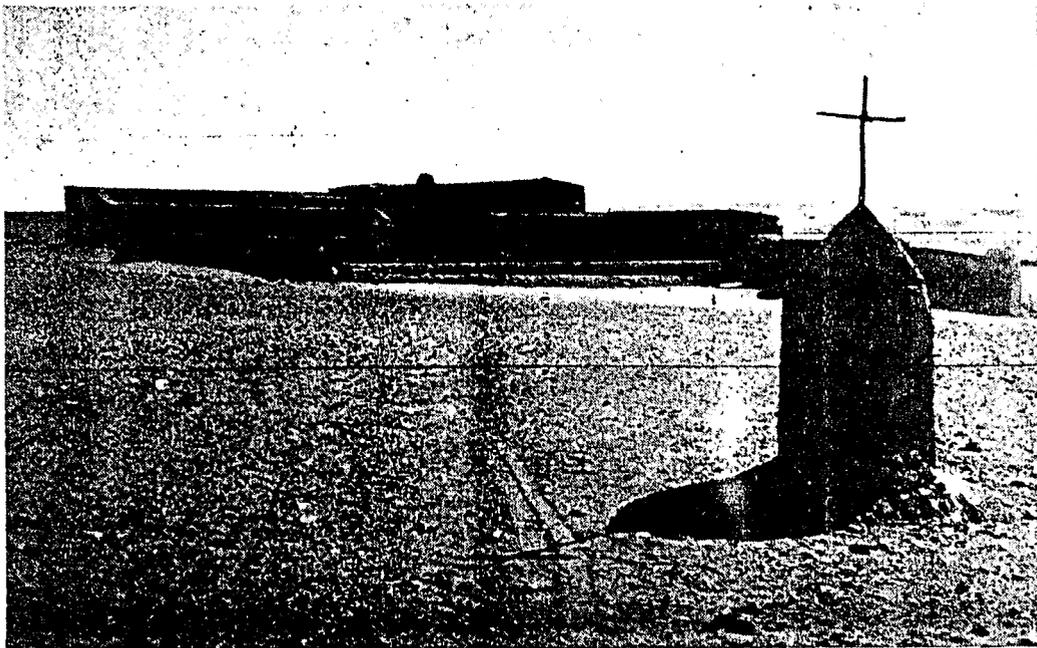
Ao final, após dar a absolvição o padre falou: "Bem, meu filho, agora vamos tirar suas dúvidas". Charles disse então textualmente: "Eu já não tenho dúvidas".

Sim o Santo Sacramento da penitência produzira suas maravilhas e de alma limpa, as dúvidas tinham ido embora. O pecador obtivera o perdão de Deus, e agora seu coração estava firme.

Em seguida o padre perguntou se ele queria comungar. Charles disse que sim e após mais de 20 anos voltou a receber Nosso Senhor, no Santíssimo Sacramento do altar. Charles, que desde sua Primeira Comunhão não comungava, fez o que denominou sua Segunda Primeira Comunhão. Sua vida a partir daí seria outra.

Estava com 28 anos. Entrou para a Ordem Cisterciense. Posteriormente obteve permissão para viver sozinho como eremita na Terra Santa, e depois de ser ordenado sacerdote, foi viver no deserto, no Norte da África, aonde procurava inspirar-se na vida da Sagrada Família.

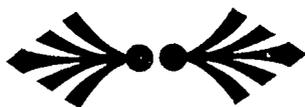
Quando estava com 58 foi atacado em seu eremitério e morto por bandoleiros.



Eremitério em Tamanrasset onde faleceu Charles de Foucauld

SEDE DE ALMAS SANTA TEREZINHA DO MENINO JESUS

Quando num domingo olhava uma gravura de Nosso Senhor na Cruz, impressionei-me com o sangue que escorria de uma das mãos divinas. Acometeu-me grande dor, considerando que o sangue caía por terra, sem que a ninguém interessasse recolhe-lo. E tomei a resolução de manter-me em espírito de fé junto à Cruz, para receber o divino orvalho que dela emana, compreendendo que, depois deveria espargi-lo por sobre as almas... No coração me repercutia também, continuamente o brado de Jesus na Cruz: "Tenho sede!" Estas palavras acendiam em mim um ardor estranho e acendrado... Queria dar de beber ao meu Bem-Amado e sentia-me a mim própria devorada de sede pelas almas... Não eram ainda as almas de sacerdotes que me empolgavam, mas as de grandes pecadores. Ardia no desejo de desviá-los das chamas eternas.



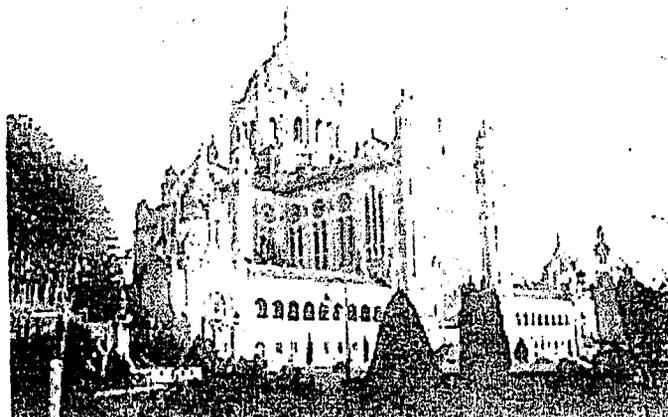
Com o fito de incitar meu zelo, o Bom Deus mostrou-me que meus desejos lhe eram agradáveis. Ouvira falar de um grande facinora, que acabava de ser condenado à morte, por crimes horrendos. Tudo levava a crer que morreria impenitente. A todo custo queria eu impedi-lo de cair no inferno. Para o conseguir, aplicava todos os meios imagináveis. Sentindo que nada poderia por mim mesma, ofereci ao Bom Deus todos os infinitos méritos de Nosso Senhor, os tesouros da Igreja. Pedi afinal a Celina que mandasse celebrar uma missa em minha intenção, não me animando a fazê-lo pessoalmente, pelo receio de ser obrigada a declarar que era por Pranzini, o grande criminoso. Não queria também declará-lo à Celina, mas ela fez-me perguntas tão carinhosas e insistentes, que lhe confiei o meu segredo. Longe de zombar de mim, pediu-me para me



ajudar na conversão do meu pecador. Aceitei-o reconhecida, pois queria que todas as criaturas se unissem a mim, para implorarmos o perdão do culpado. Sentia, no fundo do coração, a certeza de que nossos desejos seriam atendidos. Entretanto, na intenção de criar coragem para continuar a rezar pelos pecadores, declarei ao Bom Deus que estava muito segura de seu perdão ao mísero e desditoso Pranzini; que nisso acreditaria, apesar de que não se confessasse nem manifestasse alguma sombra de arrependimento, tanta era a minha confiança na infinita misericórdia de Jesus; mas, que para meu simples consolo lhe pedia, unicamente, um "sinal" de arrependimento.



Minha oração foi atendida ao pé da letra! Não obstante a determinação de Papai para que não lêssemos nenhum jornal, julguei não estar desobedecendo quando lia os tópicos que se referiam a Pranzini. No dia imediato à execução, tomo em mãos o jornal "La Croix". Abro-o pressurosa, e que vejo?... Oh! Minhas lágrimas traíram minha emoção, foi preciso recatar-me... Não tendo confessado, Pranzini subiu ao patíbulo e preparava-se para meter a cabeça no lúgubre buraco, quando, levado por súbita inspiração, se volta e agarra o Crucifixo, que o sacerdote lhe apresentava, beijando três vezes as Sagradas Chagas!... Sua alma foi então receber a misericordiosa sentença daquele que declara haver no Céu maior alegria por causa de um só pecador que faz penitência, do que por noventa e nove justos que não precisam de penitência!...



Basilica de Lisieux



Obtive o "sinal" pedido, e o sinal era uma expressão fiel de graças que Jesus me tinha outorgado, para me induzir a rezar pelos pecadores. Não foi diante das Chagas de Jesus, vendo correr seu Sangue Divino, que a sede de almas me calou no coração? Queria eu dar-lhes a beber esse Sangue Imaculado, e os lábios do "meu primeiro filho" foram calar-se às Sagradas Chagas!!!... Que resposta de inefável doçura!... Oh! A partir dessa graça singular, dia por dia se avolumava meu desejo de salvar almas. Tinha a impressão de que Jesus me dizia como à samaritana: "Dá-me de beber!" Era um verdadeiro intercâmbio de amor. As almas dava o Sangue de Jesus, a Jesus oferecia as mesmas almas retemperadas com seu divino orvalho. Assim me parecia tirar-lhe a sede. Mas, quanto mais lhe dava de beber, tanto mais crescia a sede de minha pobre alminha, e era esta sede ardente que Ele me dava como a mais deliciosa poção do seu amor...



Mãos vazias

“Câncer nos pulmões!” A moça, revoltada, amarfanhava o lençol entre os dedos fixos. Lá em cima, num ângulo do teto, uma aranha feia punha um borrão preto na cal da parede. Dentro do peito, ela devia ter algo parecido: uma espécie de aranha cancerosa, ramificando braços e pernas pelos pulmões. E precisava tanto destes pulmões! Para cantar, para respirar a vida que tinha ainda frescores matutinos, para aspirar os perfumes que lhe davam os seus admiradores...

A entrada de sua mãe no quarto cortou-lhe o fio dos pensamentos:

“O padre chegou, Celina, posso fazê-lo entrar?...” As palavras saíram-lhe num tom de súplica; mais suplicante ainda foi o olhar em que ela envolveu a filha.

“Está bem, mamãe, se a senhora insiste, mande-o entrar”, disse num tom de resignação.

Dona Yolanda fez um sinal para fora do quarto e afastou-se. O padre entrou e ficou de pé alguns segundos, com à espera de uma palavra da doente. Celina recalcou sua repugnância e esboçou um gesto com a mão pálida. O padre seguiu a linha do gesto e viu a cadeira, ao lado da cama. Assentou-se com um muito obrigado e disse:

“Ouvi suas palavras, de há alguns instantes e o suspiro que as seguiu... Pode estar tranqüila. Prometo não importuná-la. É apenas uma visita”.

A agressividade da moça estalou, sem preâmbulos, como um tapa:

“Padre, sou comunista há dez anos. Tornei-me comunista depois de ter terminado o curso de formação de professoras num colégio de freiras. Mas não ponha a culpa nelas, por favor. Não tenho a intenção de me confessar, nem quero discutir minhas idéias...” Defendia-se como um animal acuado. Pressentia uma luta e talvez uma derrota.



“Está bem, minha filha, não vou entrar em tais assuntos. Posso ao menos conversar como amigo de sua mãe? Sobre qualquer coisa... Ouvi dizer que você esteve em vários países da Europa. Eu também estive em Roma. Disse-me sua mãe que você gosta muito de arte clássica. Ora, acontece que eu tenho uma bela coleção de slides coloridos sobre arte clássica e estou certo de que, na monotonia de sua vida de doente, não desprezará umas vistas clássicas na parede de seu quarto. Trouxe o projetor e sua mãe me disse que temos aqui uma tomada...”



Antes que a moça soubesse o que estava acontecendo, já o Padre, auxiliado por Dona Yolanda, lha havia instalado o projetor no quarto. Um jato de luz projetou sobre o branco da parede o celebrado sorriso da Monalisa de Leonardo da Vinci; seguiram-se depois as Madonas de Rafael e muitas outras obras primas da pintura clássica. A sessão durou cerca de meia hora. O padre saiu com promessa de voltar, trazendo mais slides para breve.



Celina, a principio, revoltou-se contra aquele novo sistema de armadilha que o padre armava; mas, o interesse pelas artes e as maneiras suaves e cultas do padre acabaram por conquistar a sua simpatia. Ela sabia, porém, o que o sacerdote estava adiando: a hora do assunto inevitável. Às vezes, nos momentos de mau humor, comparava-o a um tigre rondando a presa, esperando a hora do ataque. Mas, não havia de pegá-la de surpresa; disso podia estar certo!

Com o correr dos dias acabou-se a coleção de slides do padre. Celina sobressaltou-se na certeza de que agora viria o encontro decisivo. Resolveu, pois, tomar logo a ofensiva, apenas apagou-se na parede a última projeção:

“Padre, fico-lhe muito grata por estas horas de lazer artístico que me proporcionou, apesar de saber que as suas projeções foram planejadas com o fim de armar-me uma cilada”.

“Espere, disse o sacerdote, não acabaram ainda as projeções; falta esta...” E o jato de luz fixou na parede a fotografia de uma menina vestida de branco, irradiando a inocência feliz da primeira comunhão. Celina não se lembrava mais daquela fotografia que não deixou de comovê-la. Custou a falar:

“Como tudo isso está longe! Longe na memória, longe no coração e na inteligência. Isso não significa nada mais para mim, Padre; não passa de uma fotografia de infância que deve sua sobrevivência apenas ao carinho de minha mãe”.

“Esta fotografia marca o seu primeiro encontro pessoal com Nosso Senhor Jesus Cristo, disse o padre. Ora, quando Cristo entra num coração, Ele toma posse e, mesmo depois de expulso, procura voltar a recuperar o que é seu”.



“Não há mais nada a recuperar, Padre; meu coração já não existe. Apodreceu. Está mais canceroso que os pulmões”.

“Não deve dizer isso! É moça demais para que o pessimismo a domine”.

“Não é pessimismo, é a realidade. Tenho apenas trinta e cinco anos, padre, mas sou idosa em experiências humanas; experiências destas que marcam o coração e o contaminam profundamente. Sem mencionar a minha adesão ao comunismo que a Igreja condena, vivi estes últimos dezessete anos num verdadeiro frenesi de prazeres. Fui duas vezes à Europa a fim de tomar parte nestes congressos comunistas da juventude. Abracei o comunismo não por convicção, mas porque ele me oferecia a oportunidade de afirmar a minha liberdade, minha revolta contra uma moral que eu não praticava. Depois, veio também outra vantagem: o comunismo abria-me possibilidades de viajar. Sabia que eles procuravam gente moça e entusiasmada para ser doutrinada e iniciada no credo vermelho, atrás da Cortina de Ferro. E eu tinha um desejo enorme de ver tudo isso, de estar só, de sair da esfera de influência de minha família. Queria também sair de um país católico e ir para onde não houvesse nem igreja, nem confessionário e

nem cruz. Essas coisas me faziam mal, despertando em mim lembranças de um passado que incomodava minha consciência. Rompi, pois, com todas as amarras! Não vê, padre? Eu vendi Jesus Cristo por umas viagens à Europa. Extingui deliberadamente a fé como quem apaga uma vela”.

O sacerdote ouviu-a com certa alegria na alma. Era o princípio da volta; era já uma confissão, se bem que não era a confissão sacramental; a moça prosseguiu:

“E não pense o senhor que foi passo apressado ou irrefletido de minha parte; ou que tenha sido enganada pelos comunistas. Fiz tudo de olhos abertos. Uma vez transpostas as fronteiras da moral convencional e sufocadas todas as sugestões da virtude, insurgi-me contra a Igreja que se manifestava ainda na voz latente dos remorsos e resolvi queimar as naus fazendo propaganda comunista por um espírito de revolta”.

“Você espera, talvez, disse o padre, que eu vá me benzer de espanto ao ouvir tudo isso, não é? Pois não me espanto! Nós sacerdotes vivemos nas encruzilhadas da vida humana e os desvios não nos causam surpresa. Esperamos pacientemente à beira da estrada principal: depois de muitas curvas e giros, o caminhante transviado acaba voltando à encruzilhada original onde deixara o reto caminho e encontra-nos aí, fiéis e firmes como estes postes serviais na interferência dos caminhos, apontando direções com letreiros e flechas...”

“O senhor se esquece, padre, de que muitos dos desvios levam a precipícios fatais... Os que enveredam por aí não voltam mais!”

“Mas Deus, minha filha, às vezes, sabe colocar, no meio de um precipício, o galho protetor de alguma árvore como o braço da sua misericórdia, amparando e amortecendo a queda do transviado”.

“Estamos perdendo tempo numa inútil esgrima de frases, padre. Vou falar claro: eu só tenho uma qualidade, que é um extraordinário senso de justiça. Sempre condenei o erro, mesmo quando o vi em mim mesma. É este senso de justiça que me fecha todas as portas da esperança que o senhor forceja para abrir. Eu aprendi bem a doutrina cristã, lá no colégio,

apesar de não a ter praticado depois. Sei que no céu só se entra pelo sofrimento e pela luta contra o pecado; ouvi isto centenas de vezes em sermões dominicais. Ora, eu nunca sofri, vivi sofregamente para o prazer egoísta dos sentidos e para a minha ânsia de independência. Depois desses anos dissipados, acha o senhor que, com meu senso de justiça e sabendo que Deus é infinitamente justo posso voltar-me hipocritamente para Ele esperando um perdão de última hora?”

“O bom ladrão conseguiu-o no último minuto, minha filha!”

“Isso foi, provavelmente, porque ele nunca tinha sido inteiramente mau. Não sabia o que estava fazendo”.

“Não dê proporções exageradas aos desvios de sua vida”. Ao dizer isso o padre notou que, no fundo do olhar torturado da moça, se travava uma luta entre o orgulho e a esperança. Resolveu, pois, lançar a última cartada:

“Dá-me licença de falar claro e analisar com franqueza a sua situação?”

Ela anuiu com o olhar.

“Pois bem, minha filha, eis a verdade: você está recalçando a esperança não por um sentimento de justiça, como diz, mas por um sentimento de orgulho. Inteligente e voluntariosa tudo o que conseguiu na vida foi obra do seu próprio esforço. Agora, entretanto, seu esforço perdeu o impulso ante o problema sobrenatural, como um repuxo a que faltasse água de repente. Sabe que nada pode fazer sozinha para destruir os erros do passado e sente-se diminuída na sua dignidade, se aceitar a misericórdia de Deus sem ter nada a ofertar-Lhe de sua parte. Dói-lhe profundamente a situação destas mãos vazias que você quereria encher de merecimentos próprios, coroando assim os seus triunfos com o maior de todos: a conquista de Deus pelo seu esforço pessoal. Destarte, você voltaria à casa paterna com os seus próprios pés em vez de ser carregada nos braços da misericórdia e do perdão. Você não quer que as suas dívidas sejam perdoadas: quer pagá-las! Pois seja! Mas a única maneira de pagá-las é com a aceitação e o reconhecimento de sua impossibilidade de fazê-lo sozinha. Seu

esforço cobrará novo vigor no momento em que, confessando sua pobreza, levantar para Deus estas mãos vazias pedindo perdão”.

O padre falou ainda alguns minutos. Celina ouviu-o, a principio revoltada, depois, feliz por ver-se descoberta na sua fraqueza mais secreta:

“É isso mesmo, Padre, tudo o que me disse são ecos dos meus próprios pensamentos”. Isso ela disse curvando-se afinal.

Ao dizer isso levantou as duas mãos pálidas com as palmas para cima e olhou-as com olhos lacrimejantes:

“Como são terrivelmente vazias!...”

“Pois encha-as de alguma coisa santa! É só querer!”

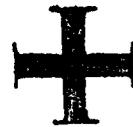
Ela olhou para ele, incrédula. Onde encontraria agora, no fim da vida, virtude bastante para encher o vácuo daquelas mãos?

O padre explicou:

“Você não sabe que o Amor de Deus enche o mundo? Não sabe que São Pedro destruiu três atos de apostasia com três afirmações de amor? Deus não precisa de tempo para santificar-nos, minha filha. Um ato de amor a Deus é como uma gota de azeite que penetra, se expande, e se entranha na madeira mais dura. Não me dizia, há pouco que, sem sofrimento não se vai ao céu? Pois aí tem o seu sofrimento, neste câncer que lhe devora o peito. Sua cruz tomou a forma de uma cama. Aceite esta cruz, esta corrosão interna de si mesma, como um presente de Deus.

“Tome este câncer, encha com esta chaga as suas mãos e eleve-as para o céu num ofertório doloroso e alegre”.

Celina não conseguia falar. Sentia-se arrancada subitamente do fundo do desespero. A esperança que ela desde tanto tempo vinha afastando tolamente entrou, enfim, com o ímpeto de uma torrente longamente represada: invadiu-lhe todo o coração e ela experimentou a sensação inexplicável de estar flutuando, de olhos cerrados, à tona destas águas redentoras que a embalavam num ritmo de ondas verdes.



Dois dias depois se retratou de suas idéias comunistas, confessou-se e comungou. Após a comunhão disse-lhe o padre:

“Mostre-me estas famosas mãos vazias!”

Ela obedeceu com a humildade de um sorriso e mostrou-lhe as palmas exangues. O padre depôs nelas um belo crucifixo:

“Foi bento pelo Santo Padre. Agora é seu. Olhe aí: já não estão vazias suas mãos: Jesus Cristo encheu-as.”

Celina permaneceu calada apertando o Crucifixo que lhe enchera as mãos, que a alimentara pela Sagrada Comunhão, enchendo-lhe também a alma e o coração. Era uma indizível sensação de plenitude.

leitor amigo:

Lembre-se que você não nasceu para uma vida vazia e fútil. Lembre-se que Deus o criou para uma missão que somente você poderá realizar. Há um mundo a ser mudado, há almas para serem convertidas. Há milhões de pessoas que precisam amar a Jesus e Maria. Trabalho não falta. Aja. Reze!

